

ASSIGNATURAS
 ANNO 20\$000
 SEMESTRE 12\$000

Numero avulso 500 rs.

OS ANNAES

ESCRITORIO
 RUA DO OUVIDOR, 113 (Sob.)

OFFICINAS
 RUA DE S. JOSÉ, 25

SEMANARIO DE LITTERATURA, ARTE, SCIENCIA E INDUSTRIA

SECRETARIO — WALFRIDO RIBEIRO

DIRECTOR — DOMINGOS OLYMPIO

GERENTE — J. GONZAGA

CHRONICA POLITICA

INTERIOR

O Congresso mineiro váe metter mãos á obra de uma reforma financeira urgente, inadiavel, na autorisada opinião do presidente do Estado das alterosas montanhas, e da qual depende a prosperidade, a felicidade dos quatro milhões de habitantes daquelle immenso torrão privilegiado, amassado de oiro e pedras preciosas, com inegalaveis campos para um amplo desenvolvimento da industria pastoril, com o barro rôxo para as plantações de café, terras uberrimas para cereaes, o trigo, todos os fructos das zonas temperadas e da zona torrida, um clima delicioso, todos os dons mais preciosos dos thezouros da Providencia, tudo quanto é essencial para que um povo floresça, progrida, cresça e se multiplique.

Uma reforma dessas, regeneradora de uma situação embaraçosa, devêra ser um ramallete de idéas, de medidas sabias, amadurecidas á estufa de um estudo paciente, de um exame scientifico dos variados e prodigiosos meios de producção, que a ubertosa terra de Tiradentes possúe em proporções extraordinarias, ou a exploração de fontes de riqueza abandonadas ou intactas. Pois não é nada disso: é uma cruel reforma de fouce e machado para uma póda desapiedada, de que serão victimas instituições, ramos de serviço publico, uma reforma de bóta-abaxo, synthetisada nos seguintes itens tenebrosos:

1º Suppressão do Senado, cuja conservação não se justifica, quando outros ramos do serviço publico, entre elles o das comarcas, têm recebido córtés.

O poder legislativo não é melhor que o judiciario; assim, diminuida a razão de justiça, de magistrados applicadores da lei, é natural e logico que se reduza o numero de fabricantes desta.

Com essa importantissima medida não somente se faz uma economia de alguns contos de reis, como se dá uma rutilante licção ao governo federal, demonstrando com factos que elle póde passar sem o senado, reduzido a um homologador passivo das deliberações da camara.

2º Reducção do numero de depu-

tados, talvez á metade, porque está verificado que, na maioria, são uns incapazes filhotes da politicagem, eleitos para fazerem jús ao subsidio, sendo reduzido o numero dos que se dedicam, conscientemente e com proveito, á causa publica.

Este capitulo da reforma tem ares de insinuação com oportunidade applicavel ao que se está passando na camara dos deputados federaes.

3º Reducção de institutos de instrucção publica, comprehendendo:

A extincção do internato do Gynasio de Barbacena;

Retirada da subvenção á faculdade livre de direito, presidida e dirigida pelo inclyto cidadão Affonso Penna, vice-presidente da Republica;

Suppressão de algumas escolas normaes; porque, para instrucção do povo mineiro, ha excesso, verdadeiro luxo, senão absurda prodigalidade, de meios de ensino: basta conservar as escolas ordinarias, anormaes.

4º Simplificação da imprensa official, que se converterá, simplesmente, em orgão de registos dos actos do governo, os quaes serão tambem reduzidos, o mais possivel, para poupar o desbarato formidavel de penna, tinta e papel. Demais, está demonstrado que os melhores governos são aquelles que nada fazem.

5º Reducção de seis contos de reis na cóngrua do presidente, porque a bóa justiça, em taes derribadas, deve começar por casa.

Houve um movimento de pavor quando se annunciou que o Presidente perpetraria o sacrificio de se reduzir a pão e laranja com um magro honorario de seis contos por anno; s. ex., porém, se apressou em tranquillisar os candidatos á presidencia, rectificando o engano.

E'ahi estão, luminosamente condensadas, as idéas capitaes da reforma, que váe reerguer a opulenta Minas dos erros das administrações passadas, dos desvarios de empresas colossaes, como esse louco, esse delirante capricho de construir uma capital elegante na risonha planicie do Curral d'el-rei, uma cidade com todos os luxos da civilização e da arte para substituir o velho agrupamento de casas, agarradas ás aréas de alcantis, dispostas em ruas tortuosas, de altos e baixos, com escadarias gigantescas, ladeiras mortificantes, verdadeiras vias dolorosas, como

essa velha e pittoresca Ouro Preto, cheia de tradições gloriosas, de paginas de historia, de recordações patrioticas, assente em lagédos de oiro.

Ha dias escrevemos sobre o sr. Nilo Peçanha, como Moysés, arrancando jorros d'agua do coração da rocha bruta; hoje, veio-nos á penna, como um contraste lamentavel o sr. Francisco Salles, na attitude mesquinha de um milionario forreta, como um Aladino sem a lampada prodigiosa, a mendigar meia pataca para um pão que atóche um estomago atribulado.

E' incrível, mas é dolorosissima verdade: Minas, a mais fulgurante estrella da constellação federal, Minas, a mais rica terra do Brazil e do mundo, está pela voz lamentosa de seu presidente, está gritando—Aqui d'el-rei—como se abeirasse, com os seus filões de oiro, os seus diamantes purissimos, os seus rebanhos fecundos, os seus thezouros de Pomona, as suas inexgotaveis jazidas de ferro, os seus morros de manganez, ao pavoroso abysmo da fallencia. A riquissima, a exuberante Minas, com os seus quatro milhões de almas bóas, de rigissima tempera, chegou á triste contingencia de perpetrar economias de gravêtos, de reduzir a razão de toicinho da sua patriarchal feijôada, de contar-lhe pela metade os saborosos grãos negros, as folhas de couve, a farinha, o fubá, pois tanto importa fechar as escolas, decepar um dos galhos do poder legislativo e praticar outras mutilações barbaras, somente justificaveis como remedio heroico, administrado com os santos oleos da extrema uncção.

Tenha a santa paciencia o honrado Presidente: essas ridiculas medidas inuteis denotam que o seu Estado entrou no regimen de finança de miseria; traduzem impatriotica denuncia de exgotamento que, talvez, seja effeito da hallucinação, da phantasia decadente dos que teem preguiça de pensar, de estudar, e não ousam, esmagados pela fatalidade da inercia, romper com a rotina, que já deu tudo, todos os erros, todas as obstrucções, os desfalecimentos, resultantes dos desvarios do terrivel panico da incapacidade.

Quem conhece, mesmo por informação vaga, a potencia productiva do portentoso sólo mineiro, a indole do seu povo sóbrio e amigo do trabalho, não póde acreditar que tenha soado para elle a hora do desastre. Ninguem póde

conceber que um administrador, em-bóra myope, não encontre meios de augmentar a renda : ninguém acredita que se tenham esterilizado as prodigiosas fontes de producção do nobre Estado de Minas Geraes, forçado por esse golpe do destino a vender prata de casa, a reduzir despesas, que são elementos de progresso, como as feitas com a instrucção publica.

E o progresso, em nossos dias, na sua marcha victoriosa, guiado pelas sciencias, pelas industrias, custa caro: os povos modernos não podem prescindir dos meios que outros conquistaram por um processo secular.

Dar-se-á que Minas, além de exgotados os seus recursos materiaes, esteja em penuria de elementos mentaes, quando ella conta entre os seus filhos illustres, espiritos de primor, homens aparelhados com fartos subsidios de sciencia e patriotismo para a arte de fazer a felicidade dos povos, homens como David Campista, Estevão Lobo, Gastão da Cunha ?

Quando o actual Presidente de Minas era apenas candidato ao honroso cargo, uma Sybilla de má sorte amolou, durante muito tempo, a paciencia dos leitores do *Formal do Commercio*, com uma enfezada mofoina, em que se attribuia a s. ex. o papel de *coveiro* do Estado.

Estar-se-á realizando o vaticinio da funesta Sybilla ?

POJUCAN.

CONTO DO NATAL

Ha-de passar talvez das onze horas. A noite afinal pôz-se serena, não bóle vento, as solidões escutam...— é como se a terra inteira estivesse á espreita d'ouvir tocar o sino para a missa. Pela estrada que passa entre Villa de Frades e Vidigueira, vem descendo uma velha arrumada ao seu bordão de pobresinha. O rastejo dos passos dir-me-hia por ventura a idade della: o luaceiro, entanto, nuverinhado em céo de bruma, apenas deixa aperceber a silhueta curvada para a terra, com um pedaço de manta sobre os hombros, o sacco ás costas, e as canellas sem meias, entapadas em ligaduras repellentes. Ao pé da ponte a mulher pára. Por detrás daquelles choupos, lá em baixo, á beira rio, havia noutro tempo um forno de tijollo, agóra pelo inverno abandonado. Ella adeanta-se, procura... A estrada passa d'alto, ladeada d'acacias e eucalyptus. E, de redor, nos plainos baixos, as escavações do barro espapam-se nas aguas da cheia, em lugubres lameiros, cujo hervançum dá residencia a uma colonia rouca de sapos.

A velha estende o bordão para a barreira, procurando vereda num chão

firme, em cujo barro os seus pobres sapatos rotos não mergulhem.

Máu grado o embrutecimento da idade, o frio, a fome, e o desejo d'amosendar para alli, no fôrno de tijollo, longe das apupadas dos cães e dos rapazes, uma nostalgia poetica ergue-lhe a vista, e então recorda-se, e quer circumvagar os seus cançados olhos para o largo. E' uma esqueletica pay-sagem de dezembro, núa e cançada, quando já a natureza se alquébra toda em desalentos, e os troncos das arvores parece que estrebucham, como os famintos de Londres, numa bebedeira d'odio, truculenta. No primeiro plano ha terras de vinha, oliveas muito negros, e colinas redondas com moinhos. Para as bandas da Vidigueira risca a neblina um traço negro, que deve ser a torre do relógio— depois, á direita, uma mancha de cal, o cemiterio. Lentamente, á medida que o raio de visão se prolonga no horisonte, os outeiros complicam-se, as fórmias perdem sua delineação traço por traço, e toda a cordilheira dir-se-hia pintada numa successão de pannos de theatro, a cinza claro, e gradações mais e mais desvanecidas.

Oh que socego! Uma divina essencia, abstracta. ethérea, vem oscular as urzes e as levadas. Do seio das negridões, de quando em quando, brotam suspeitas de fórmias vagabundas, a branco cinza: esboços de sonhos, almas erraticas que debandam, noitibós que se acolhem, friorentos na noite, ás pedras das ruinas. Vem um accorde triste dos cardos seccos d'á margem dos alquêves, dos pilriteiros sem folhas, e dos zambujos frugaes das ribanceiras. E as aguas do ribeiro trôam nas pedras, por entre as cannas e os choupos, cujas varas se esfalripam nos ares, tísticas e brancas, com um ou outro côrvo por folhagem.

Da outra banda são semicirculos de terras e valados, com freixos altos em silhueta no tom madreperola da lua, e alternativas de negro e zonas claras, que dir-se-hiam feitas num desenho a carvão, com lapis prateado.

Todas aquellas brancuras veem do extremo horisonte aos olhos da mendiga, por suspeitas, desagregadas das fórmias, abstrahidas do resto da pay-sagem, e todas poderiam interpretar-se como effeitos de neve, de luar, d'agua dormente, tanto a neblina enche de phantasmagorias a noite, e presta uma alma incoherente áquella scenographia deballada.

* * *

Ha, porém, no sopé daquelles montes um ponto que a velha anciosamente procura. E' o pequenino convento de capuchos que alveja da banda de Villa de Frades, derrocado, entre oliveiras. Lá corre o muro da cêrca, té se perder

num grupo de cyprestes. Naquella cêrca, já depois de profanado o conventinho, era antigamente o cemiterio: um cemiteriosinho d'aldeia, com malmequeres e figueiras bravas, craneos á solta, e nenhuma cruz ou mausoléo commemorando a jazida de qualquer. Alli repousam os parentes e amigos da pedinte, paes e irmãos, filhos e netos: só ella, errante de povo em povo, sem um affecto que a proteja, sem uma bocca amiga que a consôle, váe pelo mundo a mendigar de porta em porta!

Vinte e dois annos passaram depois que ella abalou da sua terra, e quatro ou cinco vezes lhe succedeu passar alli como estrangeira, com os olhos no chão, corrida de vergonha, vendo a igreja aberta e tendo medo d'entrar, passando ao rez-véz das casas ricas, e arreceando-se de pedir esmola á creadagem: e depois ao toque das trindades, noite fechada, detendo-se a escutar de longe os conhecidos rumores do logarejo. Oh, essa chafranafra da volta do trabalho, com guizadas de mulas tintinando, estrupidas de carros desferrados, e as bôas noites trocadas, os cavadores cantando em côro pelos caminhos, a crepitação da lenha das lareiras— e depois no bôccal das fontes, o mulherio que pousa os cantaros, e entre risotas commenta as picarescas historias da semana!

E' quando numa melancholia doce o dia morre, e grandes nuvens esmagam no poente as vermelhidões crepusculares. E' quando uma exalação envolve as cúpulas das arvores, e das terras molhadas, claridades ephemerhas phosphorejam, e uma vóz corre e suspira á flôr das hervas.

Pois acabou-se, acabou-se! E a triste da mulher desce a barreira, aggredida por tudo, as recordações, a noite, o frio, a fome. Não, não repousará entre os demais, no pobre cemiterio da sua aldeia, em que avoêjam corujas e francêlhos: a casa onde nasceu foi demolida: arrancaram a vinha que o marido plantára, ha cincoenta annos, com sollicitudes de bom cultivador: e ninguém na villa já se recorda da Josepha, a viuva do Pratas, mãe duma filha bonita que anda agóra nas feiras, de cigarro, e passa o inverno em braços de soldados, numa viella infame d'Estremóz. Ao acercarse do fôrno, uma claridade viva a surprehende. O alpendre ficava do outro lado, numa descachida brusca do monticulo, e alli está gente, ha fallas de homem... — ai pobre velha! aonde ha-de ella ir passar a noite áquella hora?

Por um momento ainda ella faz um passo para costear o fôrno, e ir pedir agasalho á fogueira de quem quer se acoite no telheiro. Mas, logo em seguida reflecte. Que qualidade de gente será? Recebel-a-hão com caridade? Um vago terror se apossa dos seus

membros: pé ante pé busca afastar-se. Mas, como tem as pernas e os braços regelados! Um torpor lhe paralyza os movimentos, anestesia-lhe os dedos, e peza-lhe nas palpebras com somnolencias de chumbo. Nos campos paira um socego terrivel e perverso, em cuja abobada se respondem os latidos dos cães, pelas malhadas. A geada branquêa o alquêve das courellas, queima os favaes. E a claridade no alpendre é cada vez mais confortante, milhares de faúlhas sobem pelos ares, na fumarada da lenha humida d'oliveira, que estála é arde em flammasi-nhas rapidas e alegres. Ella então cede, resolvida a entrar na zona illuminada, e a pedir agasalho aos forasteiros que a anteciparam.

Chegára quasi á bocca do telheiro, occulta ainda por trás dum grupo d'arvores, perto do rio— quando, de repente, estruge um grito largo, começado em surdina, e saccudido depois em phreneticas uivadas, com uma expressão de soffrer dilacerante.

7

* *

Ao primeiro berro, um homem que estava acororado por deante da fogueira, salta de golpe, e fica um instante seccado, á escuta da noite, bebendo os rumores do largo, enquanto desenrôla a cinta da cintura. Aquelle berro, a velha conhece-o, é horrivel e terno, angustioso e deliciado, e toda a mulher que o solte, principia esposa e acaba mãe.

Havia, pois, no alpendre uma parturiente a reclamar os seus cuidados. O desejo da velha era correr, mas do seu canto de sombra a pobre hesita, vendo o homem girar pelo telheiro a passos furiosos, ir, voltar, acachapar-se instantes sobre o vulto que bóle lá no fundo do alpendre, em estremeções afflictos: e enfim, jurar, bramar, ordenar-lhe silencio, prometter-lhe pancada, exasperado cada vez mais, por aquella algazarra que póde deitar tudo a perder.

Ha um momento em que elles cuidam ouvir um murmúrio de rodas, afastado, talvez uma sege que passa, levando alguém á missa de Natal. Aqui a raiva do homem não conhece limites, e eil-o corre á mulher de punho armado, prestes a dar-lhe, caso prosiga o berreiro escandaloso. Vem, com effeito, na estrada uma berlinda, com guizadas nas mulas, e vermelhidões de lanternas entre as arvores. E o homem precipita-se, enclavinha os polegares assassinos sobre a garganta da mulher.

— Calas-te ou morres!

E a sua voz surda, pequena, sacudida, humilde quasi, vem explosindo e crescendo, té bravejar num rouquejo de colera exhaustinada.

— Cala-te, diabo! Cala-te estaferno! A mãe, coitada, mal póde estran-

gular os urros que a expulsão lhe arranca, em dôres medonhas, como se trinta mãos brutaes lhe estivessem arrancando as visceras, ligamento a ligamento. Já a berlinda passa, ao trote rapido das suas quatro mulas hespanholas. um ou outro côrvo solta nas faias o seu grasnido estremunhado, e outra vez a paysagem fica muda, entre as brumas e as sombras, o fragor da ribeira, e a uivada dos cães pelos curraes. E' esse o instante da mendiga fazer um passo, abandonando o circulo de sombra, prestes a dar-se, toda cheia de celestes compaixões por essa misera mulher que a desgraça forçou a vir parir numa ruina, sem ao menos ter a aquental-a, como a Virgem, o halito da vacca e da jumenta, e as sollicitudes idéaes do carpinteiro.

Mas, tudo aquillo é rapido e fugace. Os gritos da mulher tinham cessado: lento e sinistro, o homem voltára a acocorar-se perto da fogueira, com uma expressão de camponio perverso, meia animal, meia humana, onde o brilho dos olhos punha uma sagacidade extraordinaria. Elle despira a jaquêta, tem as mangas da camisola arregaçadas, as mãos sujas de sangue...

— E' rapariga ou rapaz? — disse a mulher.

Elle estivera algum tempo a ligar-lhe co'a cinta o ventre dolorido: não retrucou. Déra na torre da Vidigueira a meia noite, e em Villa de Frades logo começou a tocar para a missa do gallo. O cerraceiro morrêra pelos campos, e as cumiadas do céu, azues e vastas, refulgiam d'estrellas e luar. Mas, nem por isso a paisagem tinha ficado cristallina. Coisas opacas brotavam dos terrenos, fórmis dormentes, que pareciam vaguear nas ouviéllas molles dos farejaes.

Perto, nos choupos, havia gestos d'angustia e imploração: sahiam vózes da agua, preguiçosas e mysticas como threnos, e certas troncagens tinham expressões humanas na noite, que perturbavam de morte o arregaçado.

Outra vez, então aquelle homem se ergueu com modos lentos, veio escutar. Os sapos tinham-se, afinal, calado nos algares, pairavam no socego as azas aphonas dos mochos, dando espiraes de roda ao fôrno de tijollo. E máu grado o frio, aquella noite de Natal vinha suave, com poucas côres mas delicadas, e cambiantes de céu, que o vento uma após outra, transmutava.

— Dá-me a creança, disse a mulher... Quero-lhe dar mama, não me morra de frio a pobresinha!

Elle tinha nas mãos o pequeno ensanguentado, que vagia de frio, conjugando os beicitos numa succão d'instincto, que devêra ter feito sorrir d'enternecido um outro pae. E sahiu do telheiro, o pequeno pendente da manápola, o cenho tórvo, o ar faccinoroso.

A velha, vendo-o, estendêra-lhe os braços do seu canto: e elle vagueou assim por aqui, por lém, entre os troncos das faias e os silvados, atascados na lama, mas sem poder estar quiêto em parte alguma, e como se pela marcha desse vasante ao phrenesi mental que o devorava.

Havia á beira d'agua, um pedregulho. Elle deteve-se. Instantaneamente a sua cara envelhecêra, leques de rugas radiavam-lhe dos cantos das palpebras, sobre a pelle da testa e da faceira, e a livida bocca, agóra secca, supplice quasi, tinha sombras d'angustia ás commissuras, e convulsivos tremores nos beiços desbotados.

Mais uma vez, lançou a vista ao de redor, numa suspeita atróz de o estarem vendo, e ergueu o braço, com o pequeno seguro pelos pés, como um coelho... Porém a luz do luar incommodava-o.

Tornára para trás, desalentado, furibundo comsigo, e resmungando alto imprecações. Mas, veio-lhe de repente uma venêta, e bruscamente, com um resfolegar de bezerro, escavacou o pequeno contra a rocha. A pancada déra na pedra um som de melancia pôdre, esborrachada em surdina, bassa e turgente. Foi um momento aquillo, e todas as coisas voltaram ao extasi hibernal de instantes antes.

O homem ainda esteve curvado um pouco de tempo, sobre os atasqueiros glacidados do rio— uma solemnidade pairava ao fundo do espaço— té que afinal sahiu das hervas, com o cadaver suspenso pelos pés, todo sangrento, um cadaversinho d'infante recém-nado, roliço e rôxo, cuja boquilha ria d'innocencia, e cuja alma devêra estar-se incorporando áquella hora no cortejo d'eleitos, que todos os annos vem, com o menino Deus, refazer na crença dos simples, a suavissima lenda do Natal.

FIALHO D'ALMEIDA

A SERPENTE

Deixa a serpe rasteira o covil e caminha
Rojando-se no chão, immunda e traiçoeira,
A' procura da presa incauta em que mesquinha
Imprima, em sello abjecto, a dentada cer-teira.

Lambe-lhe o corpo o sólo e, em sinuosa
linha,
Subtil como um ladrão, entre as folhas se
abeira
Da estrada, e, ennovellando o corpo, mais
definha
A cada movimento a entidade rasteira.

Um passaro que andou pelo espaço vibrando
As notas de cristal da limpida garganta
Veio á fonte, e o sorveu aquelle cáos nefando.

E a ave que, voando ao céu, conversára com
os astros,
A ave por quem saudoso um mundo de aves
canta,
Não pode se livrar de quem anda de rastros.

VIRGILIO BARBOSA.

A Escola Litteraria do Recife

NO ULTIMO QUARTEL DO SECULO IX

(Carta aberta a Arthur Orlando)

A leitura de duas publicações, ultimamente feitas em Pernambuco (*A Cultura Academica*, — numero consagrado a Martins Junior, e *Memoria Historica da Faculdade do Recife* — no anno de 1903 —) publicações, aliás, excellentes, e por isso mesmo que o são, a leitura dellas causou-me algum desgosto, sob o ponto de vista que te vou indicar.

Se se tratasse de qualquer dessas babuzeiras que diariamente sahem á luz no Rio de Janeiro, nas quaes o desconhecimento de nossas luctas ahí do norte é completo, eu não me abalançaria a protestar, como o vou fazer nas presentes linhas que te peço sejam publicadas no *Diario*, sendo, porém, coisa vinda do Recife, o caso muda muito de figura.

Por cinco vezes diversas, tenho historiado, ora mais, ora menos amplamente, o que eu mesmo denominei a *Escola Litteraria do Recife*, e foi na *Philosophia no Brazil*, na *Litteratura brasileira e a Critica Moderna*, no ensaio — *A Prioridade de Pernambuco em movimento espirital Brasileiro*, na *Historia da Litteratura Brasileira* e no livro sobre *Machado de Assis*.

As trez phases dessa escola, nomeadamente na *Historia da Litteratura* (2ª edição, 2º vol. de pags. 461 a 476), estão perfeitamente determinadas, e indicados, com a maior amplitude, os nomes dos respectivos combatentes.

Notó, entretanto, nas publicações a que me refiro, o claro proposito de se alludir ao periodo *condoreiro* (1863—68), bifar o notabilissimo periodo de *reação* contra o *romantismo*, *condoreiro* ou não, contra o *eclectismo* de Cousin, phase da *predica de novos ideaes litterarios e scientificos*, periodo que bem merece o nome de *critico-philosophico* (1868—76) e dar um púlco para a terceira phase (1882 em diante até aos dias proximos)...

Ora, isto é uma falsificação injustificavel dos factos.

E' bem verdade o dizer-se ser a historia que mais se desconhece a que fica mais proxima ao tempo em que se vive; porque nem é a velha historia que já anda escripta, nem é a actual a que se está a assistir... E' exactamente o que se dá com o que eu e Tobias Barreto e varios companheiros praticámos ahí em Pernambuco, — de 1868 a 1876, váe por perto de quarenta annos.

Cá no Rio de Janeiro — os inimigos delle não lhe falam no nome, e os meus ou não referem o meu, ou, se o referem, é para dizer as maiores barbari-

dades. — Fazem-me mais moço do que aquelle amigo vinte ou trinta annos; mettem-me no numero dos seus alumnos na Faculdade do Recife; baralham os factos; confundem as idéas, com o maior desconhecimento da natureza e indole das doutrinas diversas que andámos sempre a sustentar. Ora, a verdade é a seguinte, como já tenho affirmado muitas vezes: Tobias me precedeu em Pernambuco pura e simplesmente nos cinco annos de sua *acção poetica, primeira phase da escola do Recife*, ou *periodo condoreiro* (1863—68). A datar de 1868 em diante, sendo elle ainda alumno da Faculdade e eu tambem, é que se iniciou a *segunda phase da escola*, ou *periodo critico-philosophico*. Ahí nós fomos companheiros: *Nos fuimus simul in Garlandia*. No primeiro periodo teve por auxiliares ou rivaes, a Castro Alves, Victoriano Palhares, Guimarães Junior e outros de menor vulto. No segundo, teve-me a mim, Celso de Magalhães, Souza Pinto, Pereira Lagos, Generino dos Santos, Inglez de Souza, e outros menos conhecidos. Em 1871, retirou-se para a Escada sem descontinuar, é certo, as luctas. Eu fiquei; e só em 1876, é que deixei o Recife, após oito annos de polemicas constantes.

Em 1882, quando já era eu no Rio de Janeiro lente do Gymnasio Nacional, é que foi iniciada a *terceira phase da escola do Recife* ou *periodo juridico-philosophico*. Já então estava d'alli ausente; mas fui um precursor do movimento, com a minha defesa de theses, em 1875, especialmente com a *dissertação*, na qual já largamente caracterisava os novos horisontes do direito e pregava a sua *intuição evolucionista*, citando um trecho de von Ihering — da *Lucta pelo Direito*, — aspiração que veio a ser, mais tarde, uma realidade com o concurso, lições e escriptos de Tobias, nos ultimos annos de sua vida.

Os actores, então, além do grande sergipano, fôram José Hygino, João Vieira, e logo após — Clovis Bevilacqua, Arthur Orlando, Martins Junior, França Pereira, Theotonio Freire, João Freitas, Phaelante da Camara e outros. Lembro estes factos, porque a terceira phase da escola não se comprehende sem a segunda; e erroneo é o criterio do meu querido amigo Phaelante e dos escriptores da *Cultura academica*, quando saltam para essa terceira phase (1882 em diante), sem levar em linha de conta os annos intermedios, nos quaes se operou a passagem do *ultra-romantismo* de Hugo e do *eclectismo* de Cousin — para as modernas idéas, de que as profissadas de 1882 em vantê não passaram de natural desdobraimento. Em que pése a quem quer que seja, não estou disposto a deixar ser bifado o meu logar na historia intellectual brasileira. E' mistér descriminar os periodos da es-

cola e determinar o quinhão de cada um dos obreiros nas lides espirituas.

Tobias influiu sobre todos que trabalharam a seu lado, nas trez phases de sua vida, pelo *espirito de reacção*, pela *intuição critica*, pelo *temperamento de lucta*, e não por um complexo de idéas feitas, reduzidas a systema.

D'est'arte, eu, por exemplo, sendo sempre muito amigo e muito admirador seu, sempre estive separado delle nas doutrinas mais sérias. Em *poesia* — elle foi pelo *romantismo de Hugo*; eu — pelo *scientificismo*, seguido mais tarde por Martins Junior, e contra o romantismo, que ataquei com força. Em *critica litteraria* — elle foi pelo *allemanismo*, como cousa a *ser imitada* pelos brasileiros; eu — do *allemanismo* só accetava a *influencia historica da raça germanica* e o seu *espirito critico*. Elle era em letras preferentemente pelos assumptos estrangeiros; eu pelos *nacionaes*. Elle desdenhava da *poesia popular* e da *ethnographia*, como base das producções quaesquer dos povos; eu atirava-me a *ambas*, como bases para a *comprehensão da vida nacional*. Em *critica historica* — eu era por Buckle; elle não era sectario deste grande inglez. Em *philosophia* — eu fui, depois de procurar um caminho seguro, por Herbert Spencer; Tobias não admirava este notavel genio, ao qual antepunha Hæckel e Noiré, depois de haver passado por Vacherot, Schopenhauer e Hartmann. Em *philosophia do direito*, elle foi pelo *transformismo hæckeliano* e *monismo noiérista* em toda a linha; eu — por uma concepção mais aproximada de Spencer e S. Maine. Finalmente, não admittia elle a *psychologia* e a *sociologia* como sciencias, no que, desde muito cedo, não o pude acompanhar. Nossa acção teve, pois, pontos de contacto e linhas de divergencia que só uma critica obtusa desconhecera. Em 1879, elle no *Contra a Hypocrisia* e eu no *Reporter*, a proposito de umas censuras estapafurdias que nos fez o finado dr. Antonio H. de Souza Bandeira, indicámos várias dessas linhas de divergencia e desses pontos de accordo. Esta é a verdade, e nós só queriamos a verdade.

Escrever do periodo *condoreiro*, sem falar em Castro Alves, Victoriano Palhares, Guimarães Junior, Castro Rabello e alguns mais; escrever do periodo — *critico-philosophico*, ou, antes, saltar por elle, e não falar no meu nome, no de Celso de Magalhães, no de Souza Pinto, no de Pereira Lagos, no de Generino dos Santos, no de Inglez de Souza e diversos, é como escrever do periodo puramente *juridico*, e não falar em José Hygino, em João Vieira, Clovis Bevilacqua, Martins Junior, Arthur Orlando e outros, isto é, praticar um puro disparate.

A Phaelante, é justo declaral-o, sou grato, porque, mui de leve e sem o

cabal aproveitamento do facto, é certo, alludiu á minha defeza de theses em 1875 e ao escandalo por ella causado. (*Memoria Historica*, pag. 12)

Outro tanto não posso dizer dos que ahí fingem ignorar que, tendo sido eu, como diz o proprio Tobias, nos *Estudos Allemães, quem primeiro no Brazil atacou o romantismo*, fui tambem que, bem antes de Martins Junior, falei em *poesia scientifica*, como elle mesmo confessa, no seu opusculo que tem este titulo.

De tudo foi o que mais desagradavelmente me impressionou. Tal o protesto que tinha a fazer, inutil para os que (como tu e o incomparavel Clovis) conhecem toda a minha vida espiritual e todos os meus escriptos, mas indispensavel para novas gerações por quem desejo ser julgado com pleno conhecimento de causa.

Teu

SYLVIO ROMÉRO

— — —
Quanto tens. tanto vales
— — —

Quanto tens... tanto vales... Eis aqui o proloquio mais profundo e mais extenso do nosso tempo, e que melhor exprime a situação actual do espirito humano, pois em quatro palavras formulou a verdade mais irreductivel de todas as que poderiam caracterisar a sociedade do nosso tempo. E' um proloquio fundamental a que se poderia reduzir uma infinidade de variantes, como por exemplo: *Quanto pareces... tanto és; Quanto queres... tanto tens; Quanto dizes... tanto te ouvem; Quanto ouves... tanto te dizem*, etc.

A verdade deste proloquio está tão intimamente incorporada na psychologia do seculo — que mesmo aquelles que julgam detestal-a se submettem inconscientemente a ella: está no sangue de cada um de nós, nos nervos, no senso geral—quer dizer tão intimamente identificada connosco que nós não sentimos, não nos apercebemos de que lhe damos a sancção mais absoluta no mesmo instante em que suppomos negal-a. E isso se demonstra em todos os aspectos da vida ordinaria, em todas as vicissitudes da existencia quotidiana — nos nossos desejos, nas nossas ambições, nos motivos do nosso esforço, nas nossas tendencias, nos nossos costumes, nas nossas relações pessoases, nas nossas virtudes mundanas, nos nossos gostos, nos nossos pensamentos, nos mais insignificantes impulsos do nosso coração.

Preguem como quizerem a soberania de certas virtudes interiores, a excellencia de certos bens moraes: mesmo os que protestarem e disserem ufanos que preferem esses bens e essas virtudes — estudai-os e vereis como todos esses mesmos não passam de afirmações inconscientes mais ou menos

intensas do adagio. Não lhe fogem á fidelidade mais escrupulosa nem os que exercem o sacerdocio da piedade e da justiça, os que se devem suppôr mais fieis a Jesus e á lei que a todos iguala: o padre e o juiz. Vêde o modo como no templo se recebe o conde e o pobre-diabo, como no tribunal se ouve o senhor e o João Ninguem.

Dizem-nos que isso é só por fóra; que é a tal contingencia humana, a razão social, que explicam tudo. Mas não é só isso, não. E' por fóra e é tambem por dentro. E mesmo afinal, o que nos interessa é exactamente isso — o que vem cá para fóra.

Tomai, para exemplo, duas creaturas: Judas e o Discipulo Amado. O Discipulo Amado, que é o anjo, vesti-o de andrajos e privai-o até de uma sombra onde repouse. A Judas cobri de finos estôfos e pedrarias; enchei-o de vigor, de frescura; dai-lhe a esthetica dos grandes do mundo. Que cheguem os dois á porta de um convento: um, pedindo pão, outro, reclamando homenagens. Posso assegurar-vos que Judas honrará aquella casa de Deus, e o Discipulo Amado ha de cahir na sargêta da frente, morto de inanição.

Será porque o Discipulo Amado ficou dentro de si e Judas veio para fóra, pondo-se ao alcance de olhos humanos? Ha de ser isso mesmo. Notai, porém, que longe dos dois as almas do convento pregarão contra Judas...

E tudo neste mundo é mesmo assim. Em todas as situações e tratando-se de todas as creaturas que andam connosco — ha de haver contradicção entre a alma e o homem. O que proclama a justiça perpêtra a iniquidade. O que appella para a razão cae no absurdo. O que falla em honra desce ás baixezas mais incriveis. O que brama contra a fé vive obsedado de superstições. O que diz crêr nega sem sentir. O que confia em Deus duvida da propria sombra.

E tudo isso só porque, entre os nossos sentidos, o da vista, sendo o mais infiel, o mais perfido, o mais fallivel, é exactamente o que regula no mundo. O que nós vemos deróga o que nós sentimos.

Todos nós temos, portanto, na vida a obsessão da figura. Para todos nós que convivemos não ha sinão aspectos. O que se parece é o que se é. E segundo o que somos é que o mundo se põe, por sua vez, diante de nós. A attitude delle corresponde á nossa attitude. O que é certo tambem é que, por nossa vez, todos nós vemos o mundo conforme elle nos vê a nós. Ha uma certa correspondencia invisivel entre o sujeito e o objecto.

Quantas vezes, nas velhas côrtes mediévas, o *bôbo* era mais do que o *rei*. Mas nem o rei, nem o bôbo, nem os cortezãos se enganavam: nunca se esqueciam do seu papel. E si um dia, a

côrte se enganasse e começasse a ver no *bôbo* o rei e o rei no *bôbo* — ficai certos — as duas figuras entrariam logo, passada a primeira surpresa, cada qual no seu papel...

E não se poderia dizer que é calculadamente que andamos a trahir a propria alma ou a pôr em contraste a noção moral com os nossos actos. A' medida que descemos na escala da cultura ou quanto ao nivel moral, vamos tendo testemunhos cada vez mais irrecusaveis de que neste mundo nada mais somos do que aquillo que os outros *vêem* que nós somos e que portanto, o valor — como diz o grande Vieira — não é valor mas valia; e nós todos somos o que valem.

Mas, esta collisão em que andam sempre o nosso agir e o nosso senso interior é estranha demais e nos sugere pelo menos presentimentos que nos assombram. Que quererá dizer isto de em these termos uma sancção espontanea e absoluta para tantos dos grandes principios que na pratica inconscientemente esquecemos ou negamos? Que quererá isto dizer sinão que ha em nós, no fundo da nossa natureza moral, uma tendencia ou uma noção ou uma força que se affirma contra as indecisões, ou os desfallecimentos, as fraquezas do nosso ser exterior e contingente?

Dahi — revelações que nos surpreendem. Então, uma creatura já não é aquillo que parece. Andamos todos neste mundo a dissimular-nos a nós proprios na vida, capitulando por fóra emquanto na profundeza do nosso ser alguma coisa resiste e protesta. As nossas acções não reflectem a nossa alma. Emquanto nossa alma, isolada de relações, condemna — nossos olhos, infieis como a perfidia mesma, absolvem. E vice-versa.

E logo outras noções veem decorrendo dessas primeiras, como corollarios de uma premissa. Quanto subimos, menos nos vamos negando; de sorte que a nossa aptidão para affirmar se mede pela escala ascendente da nossa vida.

O Ente Supremo deve ser então a affirmação absoluta: de Deus só se pôde dizer que ELLE É, tanto quando pensa como quando age. Talvez mesmo que o seu pensamento e a sua acção sejam um só phenomeno.

Ir, portanto, para Deus, é estar na existencia temporal, pondo sempre o seu modo de ser e de agir numa correspondencia ou numa igualdade cada vez mais perfeita com a luz interior.

SER o que se é, qualquer que seja a situação em que se encontre a creatura, é ser mais, talvez, do que os genios e os proprios santos.

Até hoje, pela terra, só passou um ente em semelhante altura: JESUS.

ROCHA POMBO.

PAGINAS ESQUECIDAS

*C' erano tre zitello
E tutte tre d'amor.*
(Canto popular do Latium).

I

A mais moça das trez, a mais ardente e viva,
Aquella que mais brilha,
Quando, sorrindo, aos seus encantos nos
captiva,
Eu amo, como filha.

A segunda, que tem da pallida açucêna,
Aberta de manhã,
A côr, o cheiro, a forma, a languidez serena,
Eu amo, como irmã.

A outra é a mulher, que me enleia e fascina,
E' a mulher que eu chamo
Entre todas gentil, é a mulher divina,
E' a mulher, que eu amo.

II

A mais moça das trez é linda borbolêta ;
Entra, abre as azas, sahe ;
Não comprehende bem, nem néga, nem re-
geita
O meu amôr de pae.

A segunda é uma flor de essencia melindrosa,
De rara perfeição ;
Não sei, se ella desdenha, ou se ella entende,
e gósa
O meu amôr de irmão.

A terceira é a mulher : anjo, monstro, hydra,
esphinge,
Encanto, seducção :
Amo-a : não a conheço : é verdadeira ou
finge ?
Não a conheço, não.

III

Se a primeira casasse, oh ! que alegria
minha !
Eu lhe diria : váe,
Veria nella um anjo, um astro, uma rainha,
O meu amôr de pae.
Se a segunda casasse, eu mesmo iria á igreja,
Leval-a pela mão :
Dir-lhe-hia : o céu azul virar-te aos pés
deseja
O meu amôr de irmão.

Se a terceira casasse, oh ! minha infelici-
dade !
A mais velha das trez,
No horror da escuridão, fôra uma eternidade
A minha viuvêz.

IV

Se a primeira morresse, oh ! como eu cho-
raria
A minha desventura !
Com lagrimas de dôr lavára noite e dia
A sua sepultura.
Se a segunda morresse oh ! transe amargu-
rado !
Eu choraria tanto,
Que ella iria nadando, em seu caixão doirado,
Nas aguas do meu pranto.
Se a terceira morresse, em seu caixão dei-
tada,
Sem que eu chorasse, iria ;
Porque noutro caixão, ó minha morta
amada.
Alguem te seguiria.....

LUIZ DELFINO

O POLVO

O polvo, com aquelle seu capello na cabeça, parece um monge; com aquelles seus raios estendidos, parece uma estrella; com aquelle não ter osso nem espinha, parece a mesma brandura, a mesma mansidão. E, debaixo desta apparencia tão modesta, ou desta hypocrisia tão santa, testemunham contestemente os dois grandes doutores da egreja latina e grega, que o dito polvo é o maior traidor do mar. Consiste esta traição do polvo primeiramente em se vestir, ou pintar das mesmas côres de todas aquellas côres, a que está pegado. As côres, que no camaleão são gala, no polvo são malícia: as figuras, que em Protheu são fabula, no polvo são verdade, e artificio. Se está nos limos, faz-se verde; se está na areia, faz-se branco; se está no lodo, faz-se pardo; e, se está em alguma pedra, como mais ordinariamente costuma estar, faz-se da côr da mesma pedra. E d'aqui que succede? Succede que o outro peixe, innocente da traição, váe passando desacauteado, e o salteador, que está de emboscada dentro do seu proprio engano, lança-lhe os braços de repente, e fal-o prisioneiro. Fizêra mais Judas? Não fizêra mais; porque nem fez tanto; Judas abraçou a Christo, mas outros o prendêram; Judas com os braços fez o signal, e o polvo dos proprios braços, faz as cordas. Judas é verdade que foi traidor, mas com lanternas deante: traçou a traição ás escuras, mas executou-a muito ás claras. O polvo, escurando-se a si, tira a vista aos outros, e a primeira traição e roubo que faz, é á luz, para que não distinga as côres. Vê, peixe aleivoso e vil, qual é a tua maldade, pois Judas em tua comparação já é menos traidor.

PADRE ANTONIO VIEIRA.

* *

O SEGUNDO REINADO

O brasileiro que atravessar a phase actual do segundo reinado, terá que testemunhar á descendencia, com as cãs envergonhadas, uma longa pagina de amargura e vilipendio, onde os olhos de nossos filhos buscarão de balde um ponto de refrigerio em que espaiçam: um paiz opulento, inexaurivel como a natureza mesma, e, todavia, physica e moralmente estagnado, na sua immensa amplidão, como um vasto pantano; os municipios, sombra da mais cordial e utilmente popular das instituições, sem raizes no sólo, sem autonomia, pedintes abysmados numa existencia vegetativa, estéril, perpetuamente subalterna; as provincias sugadas pela centralisação até á medulla, famintas, esfarrapadas, umas arrastando a praga de empenhos crescentes e insolúveis, outras em estado

real de bancarôta; um governo lição viva de todas corrupções; a casa dos padres conscriptos feita a grande escola publica da cortezania imperialista; a camara dos deputados aviltada, graças ás suas proprias obras, até ás vaias das galerias; os gabinetes, serventuarios servis de el-rei, sem solidariedade nenhuma, nem a de honra; as assembléas provinciaes decaídas, medicrisadas, nullificadas; a magistratura, atirada fóra a toga da justiça, a ostentar, deslavadamente o escandalo das mais delirantes e indecentes paixões de partido; o executivo dissipando, transigindo, contrahindo encargos publicos, sem auctorisação orçamentaria; os ministros da fazenda accumulando montanhas de divida; a voragem do deficit a escancarar de dia em dia um sorvedouro capaz de tragar dentro em pouco a nossa receita total; a quebra da fé nacional aconselhada nos relatorios das secretarias de estado como innocente recurso de finanças; a fallencia do estado prevista, receiada, talvez imminente como um traço terrivelmente negro no horisonte; a lavoura em profunda e mortal cachexia; o commercio e a industria, sob a pressão de impostos irrationaes, condemnados ao mais lastimoso rachitismo; a irresponsabilidade absoluta do poder em todos os grãos de hierarchia; a mentira nas urnas, nas depurações parlamentares, nessas lisonjarias mutuas da pragmatica annual entre o throno e a legislatura, nos melhoramentos officiaes, no orçamento; a instrucção publica uma cousa ainda por crear, uma ridicula mesquinha negaceada ás classes carecentes, aleijada, impura, envenenada pelo patronato, inacessivel á maioria dos contribuintes; do systema representativo ludibriados até os ultimos simulacros no acto soberanamente dictatorial da corôa que afferrolhou por dezasete mezes as portas da assembléa geral, e não se sabe porque não lhes affixou logo os escriptos de aluguel; de quando em quando um caracter de estadista enlameado e perdido; um nome lustroso para cada baixeza; as convicções levadas a riso, o scepticismo cynico applaudido; a desconfiança, a inveja, a gana ás reputações sãs, todos os instinctos malévolos da servidão curtida subservientemente; tudo, funcionarios ou pretendentes, servilismo e venalidade, indigencia e luxo, medo á liberdade e anarchia, afilhagem e delapidação, despreso impertérrito da lei e pharisaica idolatria das conveniencias pessoas, docilidade ao arbitro official e insubordinação ao dever, um apparatus de jactanciosa dignidade e uma pusillanime abdicacão do direito, falsificação systematica das instituições e culto mysteriosamente respeitoso á impertinencia da papelada administrativa, covardia universal perante a verdade e contubernio

familiar com a hypocrisia sob todas as fórmulas; afinal, um rei indifferente ao diluvio nos seus dias ou nos de sua mais visinha progenie, despota como Carlos X e Napoleão III, e, ante a Europa, vaidosamente disfarçado no incognito de chefe constitucional, de humor cosmopolita, homem de todos os climas, phreneticamente viajador, insaciavelmente soffrego de curiosidades, polyglotta apaixonado, especialista em todas as especialidades, em todas as sciencias de especulação e em todas as sciencias de indução, em todas as artes do idéal puro e em todas as artes do progresso material, em todas as profissões liberaes e em todas as profissões industriaes, nos segredos mais mimosos da litteratura e nos mais asperos segredos da critica historica, nas maravilhas mais colossaes e nas miudezas mais mycroskopicas da observação humana, arguidor de todos os sabios, decifrador de monumentos prehistoricos, e por uma veia caracteristica, escrevedor de versos,—de quem, acaso, por ahi, quando não restar delles mais do que a noticia, alguma idade futura, como daquelle outro, menos douto, mas não menos caprichoso, e tambem corôado artista, descuidadamente dirá: Poetou, signal de que as bôas lettras não lhe eram de todo estranhas. *Et aliquando, carminibus pangendis, inesse sibi elementa doctriæ ostendebat.*

1877.

RUY BARBOSA.

* *

A LINDA VIOLANTE

CANTIGA

Antes que o sol se levante,
Váe Violante a ver o gado:
Mas não vê sol levantado,
Quem vê primeiro a Violante

VOLTAS

E' tanta a graça que tem
Com a touca mal enrolta,
Manga da camisa solta,
Faixa pregada ao desdem;

Que, se o sol a vir deante,
Quando váe mungir o gado,
Ficará como enleado
Ante os olhos de Violante.

Descalça ás vezes se atreve
Ir em mangas de camisa;
Se entre as arvorcs nem pisa
Não se julga qual é neve.

Duvida o que está diante,
Quando a vê mungir o gado,
Se tudo é leite amassado,
Se tudo as mãos de Violante.

Se acaso o braço levanta,
— Lá porque a baetilha encolhe
Já qualquer pastor que a olhe
Leva a alma na garganta.

E' ainda que o sol se levante
A dar graça e luz ao prado,
Já a Violante lh'as tem dado,
Que o sol tomou de Violante,

RODRIGUES LOBO

O ALMIRANTE (11)

ROMANCE POR DOMINGOS OLYMPIO

CAPITULO VIII

A sua distração predilecta, nas longas horas de insomnia, era reler as cartas de Oscar, os minuciosos relatorios em que d. Eugenia lhe contava por miudo todos os factos da vida fluminense, da situação politica, muito interessante e cheia de accidentes assustadôres depois da molestia que forçara o Imperador a entregar pela segunda vez, a regencia á filha idolatrada, e procurar repouso na Europa.

Referindo-se ao gabinete de 20 de agosto e ás causas de sua retirada do poder, attribuidas a um pequeno attricto entre Cotegipe e o principe consorte, d. Eugenia affirmava que o grande estadista previra as difficuldades da situação. Ella estava em casa d'elle, quando chegou o convite para comparecer ao paço de S. Christovão. Antes de partir, declarou á familia e aos amigos presentes que, se acceitasse a incumbencia de organizar o ministerio, mettessem-no no hospicio, bem apertado numã camisola de força. Horas depois, regressou abatido e respondeu aos que o interrogavam com olhar ancioso: Mettam-me: mettam-me na camisola... E os seus presentimentos se realisaram, se bem que nada lhe denunciasse, então, a possibilidade do advento da regencia e a incompatibilidade emergente.

Com a quêda de Cotegipe, se rompera a derradeira resistencia á propaganda abolicionista, que já se annunciava victoriosa com o gabinete de 10 de março, organizado por João Alfredo, o homem das deliberações decididas e das acções promptas e energicas.

Essa noticia se propagou, rapidamente, e á noite os fazendeiros, assustados com os commentarios sobre o programma da situação politica, se reuniram na fazenda da marquezia, que sabiam sempre muito bem informada pelos eminentes amigos da côrte.

Vieram os mais ricos, os mais reaccionarios e compareceu tambem o padre Paulo, que era um grande e fervoroso admirador da Princeza.

— Dizem — affirmou um delles — que a Princeza, embóra arrisque o throno, dará o golpe decisivo.

— Não tem o direito de fazer esse sacrificio, que será a ruina da nação — protestou um titular de grande influencia politica. — Estamos nós aqui dispostos a empregar todos os meios de protecção ao nosso direito. Demais, é de esperar que o Principe intervenha contra essa perigosa phantasia da esposa.

— Que diz a isso a senhora marquezia?

— Eu? --- respondeu Guilhermina, sorrindo da exaltação daquelles homens que pretendiam encontrar a salvação agarrando-se ao cadaver da escravidão. --- Eu penso que o Principe não intervirá. Conhece, como insigne mestre, todos os recursos da tactica; vê nitidamente a situação e submeterá, como homem superior, ás consequencias dos acontecimentos, cuja marcha não poderá deter...

--- Porque não quer --- atalhou o barão. --- Porque cuida mais de negocios que de politica.

--- Perdão, meu caro --- observou o padre Paulo, que ouvia com certo ar desdenhoso as objurgatorias e os vehementes, os acrimniosos conceitos daquelles senhores de escravos. --- V exc., como homem superior, senhor barão, não deve partilhar dessa maledicencia empenhada em denegrir um cidadão illustre, de meritos excepcionaes e sincero amigo do Brazil. O vulgo o observa com prevenções levianas contra o estrangeiro, em posição tão eminente, com essa odiosidade velha, incuravel de todos os povos contra os principes consortes. Mas, a verdade é que s. alteza vê longe, e isso que interpretam como demasiado apêgo ao interesse, aos negocios, é acertada previsão do futuro da familia dependente dos caprichos e azares da politica. Elle tem o exemplo na familia, uma eloquente e dolorosa lição: sabe que os reis se não democratisam impunemente e que o empenho de adquirir popularidade os condúz ao sacrificio do prestigio da corôa. Elle sabe, melhor que ninguem, que sua magestade é um decadente... Começou muito jovem, e muito mais cedo do que devia, a extenuante funcção de imperante; é natural que esteja exgottado... Os symptomas são, desgraçadamente, evidentes...

A marquezia approvou com um gesto, em que luzia a faisca do amortecido resentimento pela preterição do defuncto marido em duas listas triplices. Os interlocutores a secundaram com um movimento de ameaça, como se esmagassem alguma coisa, a corôa, o throno...

— Eu, como sabem --- continuou o padre, que era o augure daquellas paragens --- não me metto em alta politica, mas deste meu cantinho de roça lhe acompanho as vicissitudes, principalmente depois da regencia da serenissima e piedosa Princeza, que, obedecendo aos impulsos de seu coração de santa, ha de querer ligar o seu augusto nome á mais sublime, á mais bella, á mais nobre reforma social..

Estrugiram apartes, mas o palavroso sacerdote proseguiu impavido:

--- Ninguem lhe pôde contestar a magnanimidade dessa aspiração, digna

das rainhas suas antepassadas, que estão no céu, entoando hymnos de gloria.

--- Pois se engana redondamente --- retrucou furioso o refractario barão. --- E fique sabendo, reverendissimo, que não se governam povos com sermões, com rezas e romarias. Não sei se me entendem.

O padre Paulo se submetteu com um gesto de resignação. Não lhe convinha discutir com um homem daquelles, à teima em carne osso e um dos seus melhores amigos. Interveio, felizmente, o dr. Sergio de Lima que, até então, conversára com Hortencia, recostados a uma janella enluzada, pouco distante dos discutidores.

--- A minha opinião --- affirmou o jovem bacharel — é que a situação é muito séria. Quanto mais concederem ao povo, tanto mais elle exigirá. A victoria da abolição, em vez de o saciar, será estímulo para outras campanhas mais radicaes, pelejadas com mais vigor, com mais audacia, a audacia dos victoriosos. Admittamos que s. alteza obtenha do parlamento a abolição, não fechára com ella o caminho a outras reformas. Ella resistirá, com certeza á outras mais velhas nos programmas do partido: a separação da igreja e do estado, por exemplo, o divorcio...

— Isso nunca! — exclamou a marquezia vivamente.

— E outras — contiuiu o bacharel, animado pela approvação da maioria dos ouvintes — que contam paladinos da ordem de Saldanha Marinho, um tremendo luctador, Taunay, um espirito de primor, e uma pleiade de homens de selecção, pensadores, poetas, jornalistas concretizando as aspirações da nova geração, para os quaes é de mau agouro a piedade da Regente, sua frequencia ás igrejas, sua intimidade com o clero. Não sei se foi Ferreira Vianna quem disse ao Imperador que o reinado de sua augusta filha não era deste mundo.

Ha' um quê de prophético nessa ironia. Outros, os republicanos e os descontentes, que constituem o maior numero, affirmam que o terceiro reinado recordará o de Maria I. Eu, que consagro á sua alteza o mais devotado affecto, que a considero um modelo de virtudes civicas e domesticas, bem vejo que os maldizentes visam mais a dynastia que a sua augusta pessoa; mas não se póde escurecer que os excessos de exercicios religiosos a incompatibilisaram de certo modo com as aspirações nacionaes. Ella procurára, em vão, uma politica de justo meio: a conciliação entre coisas antagonicas é impossivel.

--- Esta é a verdade --- accentuou o barão --- Eu e os meus amigos não

embarcaremos nessa canôa furada, tripolada pelo novo ministerio.

--- Fará muito mal --- continuou o bacharel. --- O barão é politico e o seu logar deve ser ao lado dos victoriosos, embóra os abandone mais tarde, quando o arrastarem outros interesses superiores. Não ha duvidar, meus senhores, Cotegipe e outros estadistas contemporaneos terminaram a sua carreira; elle foi sempre um elemento de resistencia conservadora, em certos momentos muito efficaç. Não ligará o seu nome a uma só reforma; consumiu o genio em pelejas parlamentares na maioria estéreis.

Hortencia contemplava, num enlevo de admiração o moço que era o fóco da attenção daquelles homens graves, respeitaveis, cuja excitação ella não comprehendia, e lhe pareciam creanças amuadas, ridiculamente ameaçadores. Falavam todos ao mesmo tempo numa anarchia de gestos cutilantes, em explosões de censuras acres ao governo, ao Imperador, que não estava em condições de integridade mental para dirigir o paiz na conjunção afflictiva da lavoira agonisante, demandando o esforço de um braço possante. O grande Velho prestára inestimaveis serviços ao Brazil, mas se aproximava da decrepitude. Os signaes de perturbação do organismo social minado pelas idéas democraticas, eram de evidencia assustadôra. Não havia mais ordem nem garantias desde que a força publica, em assomos indisciplinados, recusava, sob pretexto de não serem os soldados capitães de matto, proteger a propriedade do cidadão, a escravatura, que representava avultados capitães, o unico elemento seguro de manutenção da lavoira agonisante, e era uma propriedade como outra qualquer, sagrada, inviolavel.

Seria uma violencia de louco, sacrificial-a ás levianas idéas humanitarias ou á piedade de uma senhora devôta, que alienaria, imprudentemente, a sympathia e apoio das classes conservadoras, o mais solido sustentaculo da dynastia e do throno. A libertação dos escrvos sem indemnisação seria uma violencia absurda, uma extorsão iniqua. E aos olhos de Hortencia o jovem advogado Sergio de Lima se destacava dentre aquelles homens retrogradados, amarrados á rotina, refractarios ao esplendor das idéas novas, ás lições dos factos, com a empolgante superioridade do talento em promissôras manifestações.

O prestigio, as exortações da marquezia não conseguiram abrir brécha nos reductos escuros, onde se encastellavam aquelles espiritos obsecados na sua resistencia inutil ao plano do governo da Regente, que capitulava, nobremente, ante a opinião vencedôra,

em todo o paiz, para evitar as consequencias funestas de uma reacção deshumana e perigosa. Não havia argumentos, nem demonstrações eloquentes para aquelles irreductiveis voluntarios da cegueira.

Nessa noite, ao partirem as visitas, a marquezia deteve o padre Paulo que, afastado da discussão, cochilava serenamente num recanto escuro do salão.

--- Estamos fartos de politica --- disse-lhe ella --- Vamos tratar de coisas mais amenas. Sabe que a Eugenia me recommenda com muita insistencia a educação religiosa de Hortencia, que está moça e não fez ainda a primeira communhão. Isto para a mãe, é um peccado mortal, quasi um escandalo de que com muita razão me inculpa. A mim, não me peza isso na consciencia, mas tenho summo interesse em contentar a Eugenia que se tem privado durante tanto tempo da companhia da filha, para me ser agradavel.

--- Acha, então v. ex. indispensavel --- observou o padre --- levar essa admiravel creatura ao tribunal da penitencia?..

— Não acho, não: cumpro as recommendações de Eugenia, que, como todos as senhoras da côrte, estão agora muito mettidas em exercicios religiosos para serem agradaveis á Princeza, que é muito fervorosa. E' a moda essa reacção, conduzida pela filha de um pai livre pensador.

— Diz muito bem, senhora marquezia. E' a moda esse excesso de praticas religiosas, exterioridades muito ao sabor de padres estrangeiros, que estão vindo para o Brazil, como apóstolos para uma terra de gentios, e se apoderam dos nossos bispos que, assim, desprestigiam o cléro nacional. Quanto á Hortencia. Quer que lhe fale com sinceridade? Acho melhor conservá-la como está, nessa pureza d'alma. A's vezes no confissionario se realiza o primeiro contacto com o peccado, em revelações perigosas para os espiritos ingenuos. A confissão de rigor é, na minha opinião, uma imprudencia; a confissão *pro formula* não passa de um sacrilegio inutil. De mais, eu não sei como interrogar, directamente, uma creatura dessas.

A marquezia sorria das observações desse padre profano, virtuoso homem, que ousava externar taes franquezas de consciencia; e descarregou sobre elle a responsabilidade da infracção das recommendações de d. Eugenia:

— Assumo inteira a responsabilidade — concluiu o padre, despedindo-se. — Fique vossa excellencia tranquilla.

Não perigará a candura daquella alma de anjo.

(Continúa)

Um prologo de Medeiros e Albuquerque

II

A razão humana espavorida, disse eu muito de intenção.

Já váe longe o tempo em que o sentimento do medo, junto á phantasia, modelava os deuses, satisfazendo as faculdades religiosas do homem; ainda o terror do nada impede a philosophia se entregue, de pés e mãos ligados, ao materialismo dogmatico.

As sciencias positivas não conseguiram fechar a janella que o nosso espirito abriu sobre o mundo metaphysico. Reina desvelado a escravidão, mas nem por isso se insiste menos em fazer penetrar um raio de luz nessa noite psychica.

De vez em vez, das trevas do abysmo, que se sente exterior á experiencia, surgem sombras. Taes sombras, apenas se delineam, apagam-se como phosphorencias agitadas pela aza da procellaria.

Um côrvo vem pousar no balcão dessa janella escusa; e ha quem ouse, não obstante, interrogal-o.

Desse dialogo estranho procede a sciencia de que Medeiros e Albuquerque se occupa no seu prólogo.

Por tal conducto chega até a nós o *Milagre*, de que se apoderou o occultismo; e muitos dos scientistas em vóga buscam demonstral-o com os mesmos argumentos, menos osapparelhos modernos, de que Descartes, Bossuet, Fenelon, Pascal e Malebranche se utilisavam para provar a existencia de Deus.

Si não recorrem a sylogismos de relojoeiros suissos, todavia enveredam pela selva bravia das subtilezas, ou dependuram-se dos trampolins da logica, ou exhibem trucs de magia branca philosophica, que atordôam uns, fatigam outros, acabando por determinar a capitulação, por indefferença, do maior numero.

Apparece, todavia, um Wallace, que, pela sua alta probidade scientifica e incontestavel competencia em biologia, nos deixa perplexos diante da serenidade das suas affirmações, tão categoricas como as que funda em experiencias realisadas nos seus laboratorios.

Como se sabe, na sua contestação ás asserções de Hume e de Lecky, elle começa por inculcar de erradas as definições correntes do *milagre*.

«Milagre é a violação das leis da natureza; ou uma transgressão da lei natural, devida a uma volação particular da Divindade ou a intervenção de algum agente invisivel.»

O defeito da primeira definição, diz elle, reside em attribuirmo-nos implicitamente o conhecimento de todas as

leis da natureza. Ora, segundo tal conceito, nega-se que tal effeito particular podesse rezultar de alguma lei natural desconhecida, que perturbe a lei que conhecemos; e isto nada tem de philosophico.

A segunda definição pecca por não especificar, como devia, a possibilidade de algum agente *intelligente* invisivel, differente do galvanismo ou da electricidade, quando é certo que estes agentes, hontem descobertos, não permittiram ainda que se fixasse o papel exacto que representam na ordem natural.

Accresce que os termos *violação* e *transgressão*, pelo emprego improprio que delles fazem, constituem uma verdadeira petição de principios.

Para Wallace, milagre é «um acto ou um facto inferente necessariamente á existencia e á funcção de intelligencias sobre humanas, considerada a alma, o espirito do homem, desde que se manifesta fóra do corpo, como uma dessas intelligencias sobre humanas».

Não resta duvida, portanto, que o grande naturalista não hesita em accetar a dualidade da substancia. Existem dous mundos, completamente differentes, embóra coordenados.

Longe, porém, de recorrer aos archetypos de Leibnitz ou ás categorias da Logica, para mostrar a necessidade desse parallelismo, fiel á sciencia que brilhantemente professa, como bom naturalista, suggeriu a experiencia; e é somente sobre a experiencia, hoje base de toda a sciencia dos spiritas, que Wallace condiciona a philosophia do milagre, cuja realidade, no seu parecer, se impõe com evidencia comparavel á dos factos communs da vida humana.

Na sua opinião, os argumentos de Hume são fallaciosos.

Nunca, diz o auctor das *Pesquisas sobre o entendimento humano*, houve em paiz algum quem visse e constatasse a resurreição de um morto. Contra esta e outras occurrencias miraculares, a experiencia é uniforme e equivale a uma prova directa e completa, tirada da propria essencia do facto; prova indestructivel, uma vez que o milagre só seria susceptivel de tornar-se crível, si apparecesse prova opposta capaz de modifical-a ou supprimil-a.

A tal asserto, oppõe Wallace a consideração de que, nestas condições, nenhum facto absolutamente novo seria susceptivel de prova, pois que o primeiro testemunho e cada testemunho que se seguisse, seriam, desde logo, averbados de falsos por contrarios á experiencia universal.

«Um simples facto, como por exemplo, a existencia do peixe voador, seria para todo o sempre impossivel de estabelecer-se, si o argumento de Hume fôsse verdadeiro. O primeiro homem que o viu e descreveu, devia, com effeito,

ter contra si a experiencia universal de que a um peixe fallecem as faculdades do vôo; e assim o seu testemunho seria logo regeitado. O mesmo argumento naturalmente applicado teria de ser ao segundo, e cada um dos attestadores que depois se apresentassem, de sorte que nenhuma pessoa que até agóra tenha visto com os proprios olhos um peixe voador, e voando no momento de ser observado, seria isento da pécha de insensato, si dêsse credito á existencia de um tal prodigio.» (1)

Segundo Hume, só existe o que se explica por uma lei attestada pela universalidade da experiencia.

Wallace reputa essa affirmação do philosopho escossez flagrantemente contradictoria: 1º, porque ha factos communs inexplicaveis, os quaes, entretanto, estão no dominio de todo o mundo e que são praticamente utilizados na vida quotidiana; 2º, porque a experiencia uniforme, por seu lado, não oppõe resistencia aos qualificados de miraculosos.

Basta recorrer á historia e aos milhares de relatos feitos por individuos de todas as procedencias e da mais variada autoridade, para verificar-se que a experiencia a que Hume attribue tanta importancia, não lhes é contraria.

«Que milagre mais surpreendente, diz elle, do que o da *levitação*, isto é, a suspensão dos corpos humanos no espaço, sem causa visivel. No emtanto, este facto tem sido certificado durante uma longa série de seculos. Alguns exemplos são muito conhecidos. São Francisco de Assis foi visto, innumeradas vezes e por muitas pessoas, suspenso no ar, o que vemos attestado por seu secretario, que mal podia tocar-lhe nos pés. Santa Thereza, religiosa num convento de Espanha, ergueu-se muitas vezes no ar, em presença de toda a comunidade. Lord Orrery e M. Valentim Greatrak informaram ambos ao dr. Henry More e M. Glauvil que no palacio de Lord Conway, em Ragley, na Irlanda, o despenseiro deste gentil homem, em sua presença, em pleno dia, ergueu-se no espaço e fluctuou na atmosphera, percorrendo todos os pontos do aposento, em que estavam, e por cima de suas cabeças, acontecimento este que se encontra relatado por Glauvil no seu *Sadducismus Triumphatus*. Occurrencia semelhante reférem, de S. Ignacio de Loyola, testemunhas occulares; e M. Madden, na biographia de Savanarola, após a narração de caso igual, obsérva que taes phenomenos são enunciados repetidas vezes, e que a evidencia, sobre que repousam os casos referidos, é tão segura e digna de fé, quanto póde ser qualquer testemunho humano... Em fim, ninguém ignóra que em Londres

(1) Wallace. — Les miracles et le moderne spiritualisme. Paris. p. 15.

existem pelo menos cincoenta pessoas, de alta responsabilidade moral, que estão promptas a afirmar terem visto e constatado o mesmo facto relativamente a M. Home.» (2).

Uma das objecções modernas mais em voga contra o milagre, é a seguinte:

« Si alguém me disser que veio de York pelo fio telegraphico, responder-lhe-ei que mente. Si 50 homens me afirmarem que fizeram essa viagem utilizando o mesmo vehiculo, mandal-os-ei passear. Si um numero infinito de pessoas me contarem a mesma historia, não lhes darei credito. Logo, M. Home não fluctúa no espaço, a despeito de seja qual fôr a somma de testemunhos exhibidos como prova desse facto. Si outra pessoa me disser que viu o leão de pedra de Northumberland—house, descer até á praça de Trafalgar e beber agua nas fontes que ahi existem, não o acreditarei. Si cincoenta individuos,

Não menos inconsistentes, pensa ainda Wallace, são as objecções de Lecky, o celebre autor da *Historia do Racionalismo*. Este autor pretende representar o verdadeiro sentimento moderno, em materia de espiritismo.

Segundo Lecky, as pessoas instruidas não descrêem dos milagres, riem-se delles e zombam da coisa em si. Porque?

Porque o milagre é o resultado da tendencia do homem primitivo para o maravilhoso, o producto de uma faculdade puramente humana rudimentar. Os milagres cessam, desde que os homens cessam de crêr nelles ou deixam de esperal-os. São illusões que apparecessem *verdadeiramente* durante certos estados da sociedade, como expressão normal de uma phase dada do conhecimento ou capacidade intellectual do homem.

E' este o aspecto mais commum do milagre na escola positiva.

SCIENCIA E INDUSTRIA

A MAIS ANTIGA ESTATUA

O dr. E. J. Banks, director da expedição do *General Exploration* da Universidade de Chicago, actualmente em Bagdad, descobriu uma estatua de marmore branco, que se presume ser a mais antiga obra d'arte desse genero. Inscriptões hyeroglyphicas gravadas no braço da figura, mostram que ella é a effigie do rei Da-Udu, talvez David, rei de Ud-nun, o primitivo nome da cidade babilonica de Bismya.

Essa estatua, foi achada em fragmentos e transportada, secretamente para a casa do explorador, para não melindrar a susceptibilidade fanatica dos indigenas, empregados nas excavações. O rosto, que muito se assemelha ás feições de mr. Depew, senador



INAUGURAÇÃO SOLEMNE DO MARCO DA CABECEIRA DO PEPERY-GUASSÚ

ou numero maior, disserem: nós também vimos, nem por isso eu deixarei de responder-lhes: é mentira.»

O vicio de taes argumentos por absurdo reside, acrescenta Wallace, em que toda sua força decorre de uma proposição que nunca se submetteu á prova, isto é, que um numero vasto de testemunhas independentes, honestas, sãs de espirito e de sentidos pudessem, em separado e repetidamente, certificar a existencia de um facto nunca presenciado. Pódem averbar de ineptas e falsas as theorias diabolicas da loucura sabbatica; entretanto os casos de feitiçaria estão provados, não pelas deposições dos indigitados, que a tortura fazia fallar, mas, por testemunhos independentes, confirmados por uma série infinita de phenomenos analogos verificados pela sciencia actual.

(2) *Obr. cit.* p. 16.

Pois bem, essa theoria não explica, nem dissipa o milagre.

E porque Lecky afirma que os nucleos miraculares têm sido sempre pessoas ou instituições eminentes, em tôrno dos quaes a faculdade do maravilhoso faz surgir o prodigio, observa Wallace que, neste caso, os Papas, na Igreja Romana, que aliás tem sido um grande theatro de milagres, deviam ser os operadores de milagres por excellencia, quando é certo que, exceptuados um ou dous pontifices, muito proximos á origem da instituição, nem um facto desta ordem é attribuido á grande maioria delles. Os milagreiros têm sahido das classes baixas, dos crentes infimos, de clerigos ou leigos obscuros, canonizados depois justamente em razão dessa sua extraordinaria humildade, escolhida para vehiculo das grandezas da outra vida.

ARARIPE JUNIOR.

por New-York, tem uma accentuada expressão de riso, como se despertasse satisfeita do seu somno de milhares de annos.

*
**

CONSERVAÇÃO DOS OVOS

Acaba de ser applicado o *vidro solvel* como meio de conservação de ovos durante 8 mezes.

O *vidro soluvel* é um sal alcalino. E' o silicato de potassio ou o silicato de sodio. Resulta do ataque dos silicatos, da silica (areia) pelos alcalis ou pelos carbonatos alcalinos producto este, de facil obtenção e de preços moderados. E', pois, um sal que se póde facilmente obter em solução na agua. Elle existe aliás, já prompto nas drogarias, importado do estrangeiro. Seu preço porém, ahi é excessivo e em desacordo com os respectivos preços na Europa. E' fornecido aos laboratorios,

da Escola Polytechnica e de Medicina e outros, á razão de 4 mil réis o kilo, enquanto na Europa, pouco mais de um franco custa, isto é, a sexta parte ou menos do que no nosso paiz.

E' isso que fez o seu emprego vantajoso na Europa.

Em todo o caso, damos a receita, que produz bom effeito, como o attesta a imprensa periodica franceza, entre outros orgãos a *Semaine Agricole*, de Casimir Perier.

Toma-se um litro ou pouco mais ou menos dous kilós de silicato soluvel (sendo o de sódio o mais barato na Europa), que se dilúe em cerca de 10 litros d'agua pura. Arrumam-se os ovos em quantidade de cerca de 12 duzias em caixa estanque e sobre elles váe se despejando o liquido que os afogará.

Os ovos que sobrenadarem, devem ser retirados.

Para guarda, basta collocar a vasilha (que nesse caso póde ser de barro cozido tambem) em logar fresco, com uma tampa; para transporte é mistér fechar hermeticamente.

A razão de serem conservados os ovos, acha-se no facto de ficarem os póros das cascas entupidos pelo silicato vitreo, que impéde a entrada do ar ou o contacto fermenticio deste com o interior do ovo.

E', pois, um processo facilmente applicavel pelos criadores de gallinhas; vendedores de ovos e pelas familias.

* *

EUCALYPTUS NAUDINIANA

Esta variedade de eucalypto é originaria de Nova-Pomerania. A denominação «naudiniana» foi dada por um botanico allemão-australiano (Ferd. von Muller). E' uma arvore de rapido crescimento, de dimensões gigantescas. Sua altura attinge 50 a 70 metros e é encontrado em abundancia em todas as margens dos rios de Nova Pomerania. O seu lenho, de um vermelho pardo muito pronunciado, é facilimo de se trabalhar e de grande duração. E' a primeira dentre as mais bellas variedades de eucalypto e os australianos a denominaram --- *eucalyptus magno*.

Em todos os mercados de madeiras, alcança sempre os mais elevados preços.

* *

FRANGOS PHOSPHATADOS

Julgava-se, até bem pouco tempo, que os ruminantes só podiam absorver o phosphato de cal proveniente dos vegetaes. Provou-se, porém, por experiencias bem conduzidas, não ser esse principio verdadeiro, digerindo esses animaes o phosphato contido no pó de ossos. O *Jornal d'Agriculture Pratique*, indica tambem, como meio de melhorar

a alimentação dos frangos, desenvolvendo-lhes o esqueleto e todo o corpo, com a addicção de 4 grammas de pó de ossos á sua ração ordinaria.

Tomados 2 frangos da mesma ninhada, com 700 grammas de peso inicial, e alimentados 120 dias, um com a ração ordinaria, o outro com a ração phosphatada, o resultado, foi o seguinte :

	ração ordinaria kg.	ração com pó de ossos kg.
Peso vivo.	2,690	2,470
» depois de depennado	2,445	2,000
» do esqueleto.	0,236	0,190

O frango phosphatado distinguia-se facilmente á primeira vista, pela largura do peito, desenvolvimento dos membros e articulações.

Quando se quer adoptar o regimen phosphatado na alimentação, deve-se empregar pó de ossos desgelatinados á alta temperatura, para evitar a transmissão de molestias.

PHYSIOLOGIA DA DEMOCRACIA

Se voltarmos, agóra, nossa attenção para o elemento antagonista na machina — a opinião publica, o pensamento collectivo da massa incolôr — e se considerarmos como elle chega a acreditar em si mesmo, a se suppôr possuidor de certas convicções, graças ao testemunho concreto dos jornaes diarios e de alguns eloquentes personagens, evocaremos, immediatamente, como contraste uma visão de demagogos extraordinarios e de syndicatos de jornaes excluindo de sua direcção tradicional, a machina politica. O crescimento da população, a multiplicação dos divertimentos, das occupações, a differenciação dos habitos sociaes, a diffusão das grandes cidades, tudo indica que não mais veremos, em immensos salões, as assembléas de votantes, donde os demagogos tiravam o seu poder. Nunca mais, nos Estados democraticos do mundo, se esguerá, como potencia temivel, um homem vulgar e desprezado, de voz clangorosa, rosto vermelho, contorcido, congestionado, o collarinho barbado, machucado, desabotoado, os cabellos desgrenhados, braços em gesticulação epileptica, falando, declamando, esguélendo-se pelas portinholas dos wagons, na plataforma das estações, de caminho de ferro, nas sacadas dos hoteis, trepado sobre barricadas, estrados, andaimes, tribunas, sempre infatigavel, inextinguivel. Pouco a pouco, o demagogo discursador desaparecerá deante das manifestações organisadas, com insignias emblematicas, pendões, bandeiras, cortejos, canticos e musicas, que percorrem as ruas sem effervescencia nem desordem.

M. Harmsworth, director do *Daily Mail*, em um interessantissimo artigo, indicou o poder de quem concentrasse a propriedade de um systema, universal de jornaes simultaneos; mas não analysou a influencia dos jornaes no decurso das phases successivas do XIX seculo, nem as modificações provaveis que ella experimentaria no futuro; elle se inclina, em summa, a exagerar a importancia da direcção intencional que um proprietario de jornal póde imprimir aos actos e ás opiniões de seus leitores, e alargar muito os limites definidos, nos quaes essa influencia se exerce.

Na Inglaterra, no principio do periodo victoriano, a classe independente, restricta, relativamente instruida e muito homogenea, tinha um costume particular de raciocinar; sua segurança tranquilla ácerca da maior parte das questões theologicas e sobre todas as questões estheticas, não deixava ao pensamento outro dominio, além do dos problemas politicos e, por consequencia, os jornaes sérios da época tinham a possibilidade, erão chamados a discutir, não sómente situações particulares, mas tambem principios geraes. Era essa sua função principal, e o trabalho de applicar esses principios, conforme as necessidades occasionaes, incumbia aos oradores. Os jornaes faziam, então, muito mais que hoje, para formarem a opinião, ainda que a sua intervenção nos negocios publicos não tivesse as proporções de seus modernos successores. Preparavam os caminhos por onde os acontecimentos avançavam de modo inesperado. Mas, os jornaes mais baratos e mais barulhentos que vieram com a nova democracia nada fazem para modelarem a opinião, porque, na realidade, não ha mais opinião collectiva a formar sobre a maior parte das questões de interesse publico. Os protectionistas, por exemplo, assim como os livre-cambistas, não passam de um grupo infimo; e, sobre todas as questões de detalhe, ha o cháos.

Os jornaes se esforçam, apenas, em conseguir venda enorme, em merecer annuncios, offerecendo aos leitores uma mistura, a mais vária e empolgante possivel, visando onde a multidão é mais densa e procurando sem a menor preocupação de insistencia, o que póde provocar a commoção mais violenta sobre o maior numero. O diario actual gasta o seu capital em descobrir e publicar, na mais rapida successão, as notícias mais superexcitantes e é disto que espera auferir lucros. As noticias geraes têm importancia secundaria.

A critica, a discussão, a grave responsabilidade da informação, desaparecem do jornalismo e o poder da imprensa torna-se assim, méramente, dramatico e emocional; o poder de gri-

tar --- *Aqui d'el-rei!* — no scenario do mundo, de dar, momentaneamente, enorme valor a uma personalidade, um acontecimento, uma hypothese, uma apparencia verdadeira ou falsa, sem conseguir dar uma direcção especifica ás forças que essa disposição dos factos pôde abalar. Desde que a imprensa actual sáe desse genero de attribuições e dispõe a estudar proposições definidas, alguma affirmação de principios e de crenças; desde que escolhe e elimina, passa da miscelanea ao sectario e não fica mais em contacto com a parda indifferença do publico. Aqui, é offensiva e escandalosa; alli, tergiversa e desgosta; como o bom politico, o jornal de grande tiragem pôde

exame das transformações provaveis da organização dos partidos, somente dá resultados negativos, pelo menos emquanto durar a incolôr confusão social, que importa na permanencia da mechanica dos partidos em seu estado actual, e a permanencia dos Estados democraticos e dos governos na direcção a que, actualmente, obedecem.

Como começará a classe de homens capazes, que ha de, brevemente, emergir, modificar a fórma de governo e as monarchias democraticas? Esse acontecimento não se realizará sem perturbações imprevistas, sem uma infinita complicação de incidentes. A suppressão do equilibrio dos partidos nos paizes, puramente democraticos,

ponto de se tornar perigoso, é a condição inevitavel dos governos democraticos. O ser patrioticamente rixento se impõe como necessidade imperativa aos partidos dominantes nos paizes democraticos. Elles não possúem um principio, uma politica definida, porque não ha mais opinião publica definida, mas será mistér, apezar disso, terem um fim ostensivo para lhes explicar a cohesão, um empréstimo qualquer sobre o commum, afim de assegurar ás secções de voto a presença de eleitores em quantidade sufficiente para salvar o governo dos ataques de seitas pouco importantes, mas determinadas. Esse empréstimo será sem uniformidade moral ou religiosa, com



ACAMPAMENTO DA COMMISSÃO BRAZILEIRA NO RIO URUGUAY

se propôr a trabalhar logicamente, tendo em mira um fim ulterior.

O jornal moderno de grande tiragem, o jornal que se dirige ao elemento incolôr, ao individuo democratico ordinario, o jornal da deliquescencia, vê seu poder ir de encontro a esses limites. Se a nossa asserção precedente é justa: isto é — que a sociedade humana deixou de ser homogenea e apresenta novas massas operando, na confusão universal, uma segregação necessaria — taes permanecerão, no futuro, os limites de imprensa, que poderá passar por modificações, desenvolvimentos, mas nenhuma transformação lhe dará mais importancia politica do que a que tem agóra. O nosso

a suplantação, quanto aos empregos officiaes, dos ricos e dos privilegiados nos paizes monarchicos, serão effectuadas por homens capazes, praticos, organisadores, inspirados pela crença em uma theoria commum de ordem social. Essa reforma se fará, pacificamente, gradualmente, como um processo regular, ou violentamente; mas é inevitavel e será consequencia da imminencia ou dos desastres da guerra.

E' notavel, e impossivel de explicar, que os governos de confusão tendam para a guerra com um impulso e uma vehemencia incomparavel com as tendencias guerreiras de outr'ora.

Um patriotismo sombrio e aggressivo, manifestado, publicamente, ao

interesses materiaes complexos e confusos, que não restará para a exploração do politico senão uma generalidade e o aspecto mais vasto do egoismo humano, o orgulho do homem pelo que elle imagina ser traço peculiar de sua raça — o patriotismo.

Nos paizes submettidos ás influencias democraticas surge ou surgirá um partido politico violenta e acanhadamente patriota, indeciso quanto ás outras possiveis relações de homem a homem. Este facto se verifica não sómente nos Estados, ostensivamente democraticos, mas tambem nas monarchias modernas reconstituídas, como a Italia, a Allemanha, porque, com suas differenças legislativas, re-

pousam tambem na massa incolôr. No futuro os conflictos, entre partidos, versarão sobre quem seja verdadeiro patriota ; serão provocados pela suspeita de que o monarcha ou o governo, no poder, seja, mais ou menos, evidentemente traidor, e serão evitadas quasi todas as outras questões litigiosas com receio de comprometter a unidade do mecanismo nacional. O patriotismo não é uma flôr que se expanda no vácuo : necessita de um estrangeiro. Um partido nacional e patriota é um partido nativista e a moderna deusa — Democracia — reclama em seus altares o holocausto do estrangeiro. Para manter o poder, e nunca pelo gosto em fazer mal, o governo, o organismo politico, deverá insistir nos perigos e dissensões exteriores, levar os eleitores ás urnas com brados alarmantes e procurar sempre increpar ás tentativas de organização dos partidos competidores a suspeita de uma influencia estrangeira: A imprensa patriótica fará o papel de cão de guarda e, a proposito de toda a discussão interior, latirá contra um povo visinho que, por sua vez, será muito sensível á canzoada.

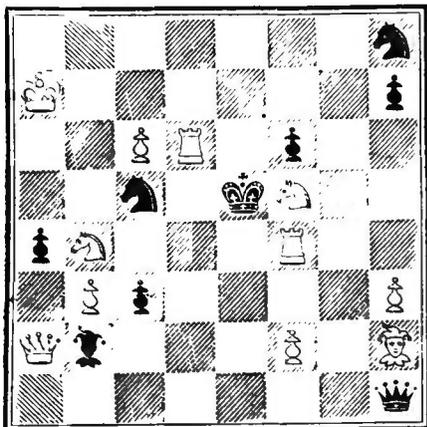
Já se vê, de uma á outra extremidade do mundo moderno, um paiz rosnar diante de outro, não sómente, sobpretextos bellicos senão por causa de encarniçadas rivalidades commerciaes, absolutamente, desrazoadas, porque é demencia querer exportar tudo sem nada importar, commerciar com povos arruinados e sem negocios. O inexoravel designio dos governos fundados na massa incolôr é entreter inimizades internacionaes : suas proprias alianças não passam de sacrificios a antagonismos mais intensos.

(Continúa)

J. H. WELLS.

DIVERSÕES

Problema N. 9



As brancas jogam mate em tres movimentos.

A LIVRARIA

HISTORIAS RUSTICAS — VIRGILIO VARZEA — PARCERIA MARIA PEREIRA — LIVRARIA EDITORA — LISBOA.

Numa brochura simples, leve, feita com o zêlo, o digno carinho dos editores portuguezes, Virgilio Varzea, auctor de dez livros, pôz, neste farto fim d'anno litterario, mais um bocado dos seus contos. Porque elle é lido, na muito tempo averiguado pela Critica e pelo publico, já vocês, num saber definitivo, sabem seguramente a precisão forte, a sinceridade, a flagrancia pictural e nitida da sua arte. Segundo a sua indole, o seu genio, que apura e rectifica no estudo, no refinamento da idéa e numa tranquilla e deliberante honestidade de trabalho, esse artista tem empurrado os impetos do seu talento para a busca dos aspectos que, da natureza, como ninguem na sua lingua, elle agarrou e pintou, aos toques largos, com limpidez, com intensidade, nas côres, nas cambiantes, nos traços poderosamente alastrados da sua penna.

Sabe-se o genero de Varzea e, entre nós, elle o iniciou, cultivou e firmou. Nesse rumo, tem vindo, num trilho certo, o seu tirocinio, ou, na fórmula do cliché, a sua carreira litteraria.

Pois é um destacado, um excepcional, um definido, fazendo o que deseja e sabendo o que quer, e, melhor, sabe a gente o que elle visiona. Positivamente, isso não é pouco em qualquer parte. Positivamente, isso é muito, é demais bastante, no Brazil, á illucidação duma gloria, sob um regimen de litteratura cambaleante e desmareada, sem objectiva, sem alcance — Deus me perdôe — vária e indecisa. Todo o mundo dirá que Virgilio Varzea é o nosso artista do mar. A sua obra, o seu essencial, o que prima, o que bóle, o que estremece de vivo, de illucidante realidade na sua obra é isto: o mar. Ha vinte annos, escreve; ha vinte annos trabalha na ancia sanctificante desse idéal, na fadiga dessa pintura, immensa, exacta, enervada de minucias, que diga, emfim, ao contemplativo, todas as sensações do mar, os imprevistos, da sua colera, os insondaveis do seus abysmos, o mundo das suas opulencias, os longes da sua immensidade, os pavôres, quasi os seus segredos de longinqua melancolia, de fumegantes jubilos, de alegrias ensolaradas, de mansidão compassiva.

Nisso, para onde váe o seu intelligente amôr, a sua anciosa augustia de attingir, o seu esforço resume todas as suas diligencias de espirital. E uma vida que se faz e refaz nessa lucta, nesse desespêro, palmilhante do mesmo caminho no mesmo rumo, é, pelo menos, o documento da seriedade, da

consciencia, da convicção de uma obra assim uniforme, liquida, bem pensada, bem orientada. Uma paysagem sua é uma vida, é um pedaço da natureza em que o artista, estralejante de nervos, lhe entalha violencias, tintas de fogo, delirios, ou espargue vibrações meigas, supplicantes carinhos, serenidades affectivas. E' o que se sente no simples das *Historias Rusticas*, uns contos feitos de delicadezas, uns contos macios, calmantes.

Nessas paginas não ha sinão coisas meigas, contadas com calma, sem arborescencias, sem espasmos, sem, de resto, a eclampsia dos estylos heroicos. Na *Volta do Lar* como no *Dia de S. João*, no *Meu Sitio Natal*, ha estremecimentos, assaltadas de candura, de bonanças, d'affectos, e a gente vê e surprehe o escriptor numa face plena do seu espirito, bom, espalhando conforto, resfriando dos arrepios, das eclosões perturbantes que lhe dão a outra face. Virgilio Varzea é um artista; a sua penna tanto espirra furias, calores, raivas flammejantes, como se revigora e se alisa em toda uma gamma de enternecimentos.

O homem particular, fugitivo ás dissipações, ás delicias mundanas, enrijou-o no trabalho; o lar não lhe pôz brumas, atirou-lhe o estimulo que o tem levado a realizar, contra a litteratura das rodas, da bohemia que *gyra* vinte e quatro horas por dia, êrma de todas as virtudes, a litteratura que pôde não ser a melhor, a mais forte, a mais intensa, a mais profunda, mas não é a menos sincera, a menos esforçada. Hoje, mais que o Brazil, Portugal o procura e estima pelo orgão dos seus escriptores, do seu publico e dos seus editores.

**

A BICO DE PENNA—COELHO NETTO—LIVRARIA CHARDRON---PORTO.

De Coelho Netto, que digo eu ?

A *bico de penna*, que o Chardron editou lindamente, é ainda do estheta do *Sertão*, do cerebral da *Conquista*. Quero dizer que aquelle estranho, aquelle mólle engranzador de phrases inêrmes, de phrases múdas do *Pendjab* desapareceu. E' isso a bem da sua obra primacial, da sua rutilante arte. Aquella multifária e estonteada estroinice que produziu uma meia duzia de livros máus, nefastos, prejudiciaes da reputação de um admiravel artista, deu o lugar ao trabalho sério, pensado, forte e magnifico com que Coelho Netto, assim, lançou, facilmente, aos perversos e descrentes da sua força, a prova do seu talento, do seu poder de criação, porque das suas rebrilhantes faculdades de estylo ninguem se mexeu a duvidar. Da sua livraria, feita com sacrificio de paciencia, de calma, de

rente considerar a subtracção ou a addição, porque uma operação pôde ser substituída pela outra;

2º — O segundo signal — do primeiro membro é substituível pelo segundo signal + do segundo membro, isto é, uma quantidade negativa pôde ser positiva, porque não ha differença entre suas qualidades!

Este modo de encarar a *qualidade* das quantidades algebraicas é extremamente ambiguo.

E' exacto que o illustre Montferrier abraçava a antig theoria das quantidades negativas, e é por isso que diz que $-a$ multiplicado por $-b$, outra cousa não é senão o negativo $-a$ junto negativamente a si mesmo. Esta é a concepção dos que attribuem aos negativos o caracter de *negação* e os consideram portanto como significando uma *falla*, porém não nos referimos a Montferrier nem a elles, mas aos que dizendo terem uma idéa clara do modo porque devem ser encarados os negativos, admittem ainda taes raciocinios, como o fazem os representantes da theoria moderna.

12. Recordemos agora a marcha que se-guem outros autores que, reconhecendo talvez a metaphisica do raciocinio por meio do qual se chega á regra dos signaes da consideração dos monomios, bastava estabelecer a partir da multiplicação dos polynomios.

Apresentaremos a marcha seguida nos Elementos de Algebra, dos illustres Moraes Regos que, sobre ser mais ou menos a maneira seguida por varios autores, prima pela clareza e concisão.

A' pagina 321 dessa obra, lê-se :

« Supponhamos agora, que se trate de multiplicar $a-b$ por c . Para obtermos a expressão do producto, é necessario multiplicarmos a por c e subtrairmos do resultado o producto de c por b , porque $a-b$, sendo menor que a da quantidade b , o seu producto por c deve ser menor que o producto de a por c de uma quantidade $b+c$.

A expressão equivalente do producto vem a ser portanto $ac-bc$.

Seja em segundo lugar multiplicar $a-b$ por $c-d$.

Representando o segundo binomio por m teremos reduzido a questão á determinação do producto de m por $a-b$.

Como vimos ha pouco, temos para expressão dese producto $ma-ab$.

Substituindo em lugar de m o seu valor, teremos :

$$a(c-d)-b(c-d)=ac-ad-(bc-bd)=ac-ad-bc+bd.$$

Assim, pois, um simples artificio reduziu a segunda questão a repetir um certo numero de vezes a primeira e a uma subtracção.»

Em seguida examinam os illustres autores o caso da multiplicação de um trinomio por um binomio, e a de dois trinomios, que deixaremos de transcrever, por nada alterar sua suppressão, a analyse que vamos fazer. Depois, á pagina 322 da obra que nos occupa, lê-se :

« Assim, pois, por meio de contracções reduziríamos a multiplicação de dois polynomios quaesquer a um maior ou menor numero de multiplicações de um monomio por um binomio ou a uma série de transformações da forma $c(a+b)$.

Assim se reduz a este caso a multiplicação das quantidades negativas isoladas.

Supponhamos que se trata de multiplicar $-d$ por $-h$.

Como vimos, podemos substituir $-d$ pela formula equivalente $a-c$, sendo $c-a+d$, e $-h$ por $c-f$, sendo $f=e+h$.

$$\begin{aligned} \text{Temos, portanto, } -d &= a-e & e \\ & -h = e-f & \text{ ou} \\ d &= c-a & (1) \\ h &= f-e & (2) \end{aligned}$$

A questão está, portanto, reduzida a determinação do producto $(a-c)(e-f)$ que nos dá, como vimos, $ae-ec-af+fc=fc-ec-(af+ae)=c(f-e)-(f-e)a$; substituindo $f-e$ pelo seu valor h (2) teremos: $(a-c)(c-f)=ch-ah=(c-a)h$.

Substituindo $c-a$ pelo seu valor d (1) teremos: $(a-c)(e-f)=dh$ e portanto $-d+-h=dh$.

Supponhamos que se trata de multiplicar a por $-b$.

Substituindo $-b$ por $c-d$, sendo $d=c+b$ teremos $-b=c-d$.

Fica assim a questão reduzida á determinação do producto $(c-d)a$, o que nos dá $ac-ad=(c-d)a=-ab$.

A simples inspecção destes resultados nos mostra :

Primeiro que para obter-se a expressão do producto de dois polynomios é necessario formar todos os productos do multiplicando por cada um dos terminos do multiplicador e sommar ou subtrair no resultado final cada um destes productos, conforme o termo do multiplicador que lhe corresponde é positivo ou negativo.

Segundo, que todos os termos do producto, que resultaram da multiplicação de dois termos affectos do mesmo signal, são positivos e todos os que resultaram da multiplicação de dois termos de signaes contrarios, são negativos, facto este consequente do primeiro, isto é, da somma algebraica de todos os productos parciaes de cada termo positivo do multiplicador pelo multiplicando e da subtracção algebraica de todos os productos parciaes de cada termo do multiplicador pelo multiplicando.

A origem, pois, da modificação dos signaes na multiplicação, é a transformação por substituição.

Este facto foi muito tempo um dos pontos obscurecidos pela intervenção metaphisica no dominio do calculo.

No emtanto nós vemos que elle nada tem de mysterioso que exija subtilidades de argumentação para justificar-o cabalmente.

Referida á transformação por subtracção, a multiplicação dos signaes que apresenta a formula do producto, fica a ligação logica entre as transformações algebraicas melhor e mais racionalmente estabelecida, mostrando claramente como o modo de relação entre os elementos dos factores determinou uma modificação necessaria no modo de relação entre os elementos do producto. E isto tanto mais era de esperar quanto nós sabemos que em arithmetica um producto varia quando variam os seus factores, facto que algebraicamente, onde o modo de dependencia é essencial, devia necessariamente se manifestar de uma maneira precisa.

Esta formação dos signaes dos termos do producto pelos signaes dos termos dos factores, pôde ser representada pela imagem :

$$\begin{array}{r} + \times + = + \\ - \times - = + \\ + \times - = - \\ - \times + = - \end{array}$$

Daqui resulta a seguinte regra para determinar a expressão do producto de dois polynomios: multiplicação-se todos os termos do polynomio multiplicando por cada um dos termos do polynomio multiplicador e dá-se a cada termo assim formado o signal mais ou menos, conforme os termos multiplicados têm os mesmos ou diferentes signaes. »

Este trecho fórma na verdade uma bella exposição, e a escolhemos para typo porque nelle o raciocinio é claro, quer se tome o caso de de dois binomios, quer o caso de dois polynomios quaesquer e a regra citada é verdadeiramente applicavel a qualquer desses dois casos, porque funda-se em principios logicos.

Não assim, porém, quanto ao caso das quantidades negativas isoladas, porque a multiplicação destas não se reduz a multiplicação de um monomio por um binomio, como affirma o texto.

Sómente considerando estas quantidades como provindo de uma subtracção impossivel, é que se pôde dizer que a multiplicação de $-d$ por $-h$ se reduz a multiplicação de $(a-c)$ por $(e-f)$, pois é preciso admitir que $-d=a-c$ e $-h=e-f$, na hypothese de serem respectivamente $c-a+d$ e $f=e+h$, o que tudo é acceito pelo trecho citado.

E por se ter considerado os negativos como provindo de uma subtracção, é que se estende a essas quantidades a regra achada para os signaes dos termos do producto resultante da multiplicação de dois binomios.

Admittindo mesmo aquella procedencia para os negativos, ha um vicio no raciocinio expellido no caso da multiplicação dessas quantidades que tira todo o valor que se lhe possa attribuir.

Com effeito, pelo texto vimos que

$$\left. \begin{array}{l} -d = a - e \\ -h = e - f \end{array} \right\} A$$

ou

$$\left. \begin{array}{l} d = c - a \\ h = f - e \end{array} \right\} B$$

Não precisa grande esforço para se reconhecer que as expressões que chamamos B e que provieram das que chamamos A , são a base da transformação.

E' claro, porém, que partindo-se das expressões A só se pôde chegar ás expressões B , multiplicando-se as primeiras por -1 , porque mesmo a transposição de termos neste caso não conduz ás expressões B , visto que uma quantidade negativa isolada segundo o texto como é $-d$ ou $-h$, conserva-se da mesma maneira negativa, quer esteja no primeiro, quer no segundo membro de uma igualdade, isto é, $-d=a-c$ é o mesmo que $a-c=-d$.

Mas, se só é possivel passar das expressões A para as expressões B multiplicando-se aquellas por -1 , já se admittio de antemão que $-+-=+$, o que faz cair no estabelecimento da regra dos signaes em uma petição de principio.

